

A TRANSMODERNIDADE: UM PASSO APÓS DA PÓS-MODERNIDADE

TRANSMODERNITY: A STEP AFTER POSTMODERNITY

Hugo Brandão¹

RESUMO: A Transmodernidade, concebida por Enrique Dussel, é uma proposta filosófica que transcende as limitações da Modernidade e da Pós-modernidade, sem, no entanto, rejeitá-las por completo. Objetivamos demonstrar a Transmodernidade enquanto alternativa ética e política, baseada no diálogo transcultural, na superação da colonialidade e na centralidade da ética da libertação, analisando-a como um projeto capaz de superar as falhas das narrativas modernas e pós-modernas, destacando sua relevância para a descolonização do saber e a construção de alternativas globais inclusivas. Para tanto, conduzimos esta pesquisa a partir de uma metodologia qualitativa e bibliográfica com análise teórica das obras de Dussel e de interlocutores no campo da filosofia da libertação e da teoria decolonial, além de uma abordagem histórica para contextualizar o sistema-mundo moderno/colonial, bem como nos utilizamos, prioritariamente, do aporte teórico de Zygmunt Bauman para discorrermos acerca da Pós-modernidade. Os resultados de nossas pesquisas indicam que a Transmodernidade oferece uma base sólida para a construção de um mundo mais justo e plural, ao valorizar as vozes subalternas e descolonizar epistemologias. Ela propõe uma reinterpretação de valores modernos como ciência e direitos humanos, incorporando perspectivas pluriversais. Assim, o projeto transmoderno surge como uma resposta transformadora às crises globais contemporâneas, promovendo justiça social, diálogo transcultural e sustentabilidade; sendo um passo adiante a Pós-modernidade na superação da Modernidade eurocêntrica colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade; Transmodernidade; Modernidade; Dussel, Bauman.

ABSTRACT: Transmodernity, conceived by Enrique Dussel, is a philosophical proposal that transcends the limitations of Modernity and Postmodernity, without, however, rejecting them completely. We aim to demonstrate Transmodernity as an ethical and political alternative, based on transcultural dialogue, overcoming coloniality and the centrality of liberation ethics, analyzing it as a project capable of overcoming the flaws of modern and post-modern narratives, highlighting its relevance to the decolonization of knowledge and the construction of inclusive global alternatives. To this end, we conducted this research based on a qualitative and bibliographic methodology with theoretical analysis of the works of Dussel and interlocutors in the field of liberation philosophy and decolonial theory, in addition to a historical approach

¹ Doutorado em Ciências da Religião (UCP). Instituto Federal de Alagoas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9665-089X> E-mail: hugo.brandao@ifal.edu.br

to contextualize the modern/colonial world-system, as well as using, primarily, the theoretical contribution of Zygmunt Bauman to discuss Postmodernity. The results of our research indicate that Transmodernity offers a solid foundation for building a more just and plural world, by valuing subaltern voices and decolonizing epistemologies. It proposes a reinterpretation of modern values such as science and human rights, incorporating pluriversal perspectives. Thus, the transmodern project emerges as a transformative response to contemporary global crises, promoting social justice, transcultural dialogue and sustainability; Postmodernity being a step forward in overcoming colonial Eurocentric Modernity.

KEYWORDS: Post-modernity; Transmodernity; Modernity; Dussel, Bauman.



10.23925/2176-4174.34.2025e69612

Recebido em: 15/12/2024.

Aprovado em: 27/01/2025.

Publicado em: 27/01/2025.

Introdução

A Transmodernidade, conceito desenvolvido pelo filósofo Enrique Dussel (2000; 2015b), surge como uma resposta crítica às limitações impostas tanto pela Modernidade quanto pela Pós-modernidade. Estamos falando de uma Modernidade que historicamente, que por muitas vezes, é associada à era do Iluminismo e às consolidações do capitalismo global, representando um marco de avanços científicos e filosóficos, contudo, que também trouxe consigo a exploração colonial, a exclusão cultural e a marginalização de saberes não ocidentais. Já em relação a Pós-modernidade ponderamos que revelou, enquanto movimento de desconstrução das metanarrativas modernas, as contradições internas do projeto moderno, contudo, sendo incapaz de proporcionar alternativas sólidas para superarmos os legados de colonialidade e desigualdade que ainda permeiam o mundo contemporâneo, especialmente na parte do Sul Global.

É nesse cenário que apresentamos a proposta de Dussel (2000), da Transmodernidade, como possibilidade de transcendermos essas limitações, promovendo um diálogo transcultural e ético que reinterprete o papel das vozes subalternas e descolonize o saber.

Portanto, nosso principal objetivo nesta pesquisa é analisar a Transmodernidade de Enrique Dussel como um projeto filosófico e político capaz de superar as falhas tanto da Modernidade quanto da pós-Modernidade, explorando de forma detalhada, os fundamentos históricos e epistemológicos que sustentam sua crítica à Modernidade eurocêntrica, ao mesmo tempo em que se discute como sua proposta transmoderna incorpora e valoriza as experiências históricas e culturais dos povos colonizados. Em última instância, pretendemos demonstrar como a Transmodernidade oferece uma base ética e prática para a construção de um futuro mais justo e inclusivo, que valorize a pluralidade de perspectivas e enfrente as desigualdades globais herdadas do sistema-mundo moderno/colonial.

Para tanto, discutiremos inicialmente acerca do conceito de Pós-modernidade, tendo como teórico principal o filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman e alguns de seus interlocutores, incluindo alguns críticos a Pós-modernidade. Posteriormente discutiremos as limitações da Pós-modernidade enquanto alternativa a Modernidade, bem como a crítica de Dussel a mesma; e, por fim, discutimos a Transmodernidade enquanto alternativa a Pós-Modernidade. Assim, nossa pesquisa é inteiramente bibliográfica e de metodologia de caráter qualitativo e interpretativo, fundamentada em uma análise teórica das principais obras de Enrique Dussel em um diálogo com outros pensadores críticos, especialmente no campo da filosofia da libertação e da teoria decolonial, em uma abordagem histórica para contextualizar o surgimento da Modernidade e da Pós-modernidade, bem como para entender os impactos do sistema-mundo moderno/colonial sobre as sociedades periféricas.

Esta nossa pesquisa resulta da relevância crescente de perspectivas descoloniais em um mundo marcado por crises sociais, econômicas e ambientais, por exemplo, no cenário científico e político atual, observa-se uma demanda urgente por teorias que não apenas criticam as estruturas de poder condicionais, e sim, apresentem alternativas viáveis para a transformação da realidade global; a Transmodernidade de Dussel (2000; 2015b), ao propor um diálogo transcultural baseado em uma ética de libertação, fornece ferramentas valiosas para compensar as relações globais de poder e enfrentar os desafios contemporâneos, especialmente no contexto de uma humanidade cada vez mais interconectada e desigual.

Os resultados de nossa investigação indicam que a Transmodernidade representa um horizonte promissor para a superação das limitações da Modernidade e da Pós-

modernidade. A proposta de Dussel (2015b), ao enfatizar a centralidade das vozes subalternas e a necessidade de descolonizar o saber, o poder e o ser, oferece uma abordagem transformadora que não apenas crítica, do contrário, fornece uma abordagem que transcende o eurocentrismo e as posições globais, apontando para um futuro no qual a diversidade cultural, a justiça social e a sustentabilidade ambiental se tornam os pilares de uma nova ordem mundial, mais justa e solidária. Assim, esta nossa pesquisa reafirma a importância de incorporar as contribuições teóricas de Dussel nas discussões acadêmicas e políticas contemporâneas.

1. A Pós-Modernidade

Enfatizamos que as profundas mudanças sociais que a humanidade vem passando nas últimas décadas têm sido objeto de pesquisa de intelectuais de diversas áreas; normalmente concretizadas a partir de macro perspectivas, essas pesquisas vêm contribuindo para que tenhamos a apreensão cada vez mais acurada da realidade característica deste novo milênio e têm também possibilitado uma visão panorâmica tanto da trama quanto da dinâmica da nova organização social e nos dados pistas dessa nova condição dos indivíduos, a saber: uma condição pós-moderna.

Compreendemos que não é fácil definir a Pós-modernidade, uma vez que, trata-se de um conceito que está inserido na perspectiva do múltiplo: são inúmeras perspectivas, diversas nomenclaturas e várias abordagens. Para além disto, é um fenômeno muito mais de desconstrução do que está posto do que de construção de um novo. Entendemos a dificuldade em estabelecer uma definição acerca da Pós-modernidade, contudo, devemos compreender que o desenvolvimento econômico, tecnológico e científico ocasionou uma transformação social e a formação de uma nova mentalidade.

Acerca da problemática de Modernidade e Pós-modernidade, Joel Birman (2006) nos fornece uma importante contribuição, discorrendo sobre diversos autores e de várias partes do mundo que discutem essa problemática, demonstrando a difícil tarefa em conceituar de forma “absoluta” a Pós-modernidade, ou mesmo ter uma definição única e irrefutável da passagem da Modernidade para a Pós-modernidade. Para ele, a maior parte dos pesquisadores norte-americanos prefere se referir à Pós-

modernidade para descrever os novos tempos em oposição à Modernidade. Já entre os pesquisadores europeus é comum não apenas o acento incidindo sobre a ruptura, como também a caracterização dessa ruptura como algo positivo.

Assim, o termo Pós-modernidade, no campo da filosofia, ou melhor, digamos que para as ciências humanas, surge pela primeira vez com filósofo francês Lyotard (1979), que reconhece a existência da ruptura e do fim da Modernidade a partir do surgimento do que ele veio a chamar de Pós-modernidade, destacando a impossibilidade teórica atual de as grandes narrativas serem realizadas. Já Gianni Vattimo (2007) não apenas insiste na ruptura radical com a Modernidade, como é um entusiasta dos tempos pós-modernos, baseando-se para isso em outros critérios filosóficos. Ainda há entre os autores que divergem dos citados anteriormente, o cientista social Gilles Lipovetsky (1989) que, também, enfatiza a ruptura e fim da Modernidade, porém de maneira negativa, defendendo que a Pós-modernidade é o império do vazio e do efêmero, posicionamento similar ao defendido pelo sociólogo Jean Baudrillard (1984), o qual, também, considera os novos tempos da maneira negativa.

Entretanto, parte dos pesquisadores ainda insistem na existência da Modernidade na atualidade, destacando a radicalização de seus pressupostos, como Anthony Giddens, que defende a existência de uma “Modernidade tardia”, estando próximo do caminho do cientista social Ulrich Beck (1997), que sublinha a ideia de uma “Modernidade reflexiva”, ou mesmo a de Georges Balandier (1997), o qual insiste na existência de uma “super-Modernidade”, na qual ainda permanecem os fundamentos da Modernidade; sendo o mais notório dos críticos à Pós-modernidade Jürgen Habermas (1992), o qual defende de forma implacável o projeto da Modernidade, como um projeto inacabado. Isso tudo se discorremos somente acerca dos campos das ciências sociais e da filosofia, deixando de lado o da estética, nos quais a presença viva do ideário da Modernidade sempre se destaca. Sobre os teóricos que discutem Pós-modernidade, Bauman nos diz o seguinte:

[...] Não é em toda parte, porém, que essas condições parecem, hoje, estar prevalecendo: é numa época que Anthony Giddens chama de ‘Modernidade tardia’, Ulrich Beck de ‘Modernidade reflexiva’, Georges Balandier de ‘super Modernidade’, e que eu tenho preferido (junto com muitos outros) chamar de ‘pós-moderna’: o tempo em que vivemos agora, na nossa parte do mundo (ou, antes, viver nessa época delimita o que vemos como ‘nossa parte do mundo’) (Bauman, 2013, p. 30).

Dado os distintos e diversos interesses, bem como, variada formação intelectual dos diferentes autores, que se notabilizaram por investigar o que ousamos aqui denominar de Pós-modernidade, são diferentes “nomes de batismo” a esse mesmo conjunto de transformações (às vezes, um mesmo autor dá mais de um): “revolução das tecnologias da informação” (Castells, 2000), “Pós-modernidade ou pós-modernismo” (Lyotard, 1979; Vattimo, 2007; Jameson, 1991; Bauman, 2013, 2014; Harvey, 1989; Eagleton, 1996), “Modernidade líquida” (Bauman, 2014), “capitalismo tardio” (Jameson, 1991), “capitalismo flexível” (Sennett, 1998) e etc. Essa diversidade de nomenclaturas ilustra, ao menos em parte, as divergentes ênfases dadas por esses pesquisadores aos diversos aspectos que fazem parte do atual processo de transformação. Para muitos deles, os progressos tecnológicos são determinantes para o quadro de transformações na atualidade; já para outros tantos, esse papel central é desempenhado por fatores econômicos. Para uns, a transformação representa uma ruptura com o que veio antes; para outros, essa mesma transformação é apenas um outro estágio da velha ordem.

O que temos de consenso é que o conceito pós-moderno, como mencionamos de forma breve anteriormente, surge com o filósofo francês Jean-François Lyotard (1979), a partir de sua obra *La Condition Postmoderne*. Para ele, a Pós-modernidade é perceptível após o processo de transformações que ocorreram, principalmente, nas artes, ciência e na moral, ocasionando a decadência dos metarrelatos da Modernidade. Assim, segundo ele, a Pós-modernidade caracteriza-se por desconstruir as explicações absolutas sobre a realidade, que tendem a generalizar e tentar explicar o todo de forma a sugerir que contempla todas as indagações humanas sobre determinado assunto ou tema. Portanto, defende que o pós-moderno se define pela incredulidade em relação aos metarrelatos, não há uma explicação universal e única da realidade. A Modernidade acredita nas explicações universais e únicas, já a Pós-modernidade não guarda a mesma crença, ao contrário, ela desconfia e abandona a possibilidade de verdades últimas, absolutas e universais.

O parágrafo de abertura de *A Condição pós-moderna* já é bem expressivo quanto ao que, a partir de Lyotard, foi denominado por Pós-modernidade. Vejamos,

Este estudo tem por objetivo a condição do saber nas sociedades mais desenvolvidas. Decidiu-se nomeá-la ‘pós-moderna’. A palavra está em uso no continente americano, na escrita de sociólogos e críticos. Ela designa o estado da cultura após as transformações que afetaram a regra dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do fim do século XIX. Essas

transformações serão situadas aqui relativamente à crise das narrativas (Lyotard, 1986, p. 11).

Diante do exposto até aqui, destacamos que o conceito de Pós-modernidade que defenderemos nesta nossa pesquisa é um tanto mais complexo do que a teorização apresentada por Lyotard. Dentre a diversidade de autores que trabalham esta temática, como vimos anteriormente, nos aproximamos mais da teoria apresentada por Bauman e, embora haja divergência entre os diversos autores, não excluímos pressupostos, acerca dessa nova configuração da humanidade que denominamos de Pós-modernidade, apresentados por outros autores, que, guardada as devidas ressalvas convergem em maior e menor medida com Bauman sobre alguns aspectos, dentre eles, que a Pós-modernidade não é uma ruptura com a Modernidade e nem seu sepultamento; dentre os autores que nos referimos destacamos Giddens (1991) e, mesmo negando a Pós-modernidade, Habermas (1992).

Logo, defendemos que a Pós-modernidade é uma condição cultural, social e filosófica caracterizada pela fragmentação das grandes narrativas, a pluralidade de perspectivas e a fluidez nas identidades e estruturas sociais. Ela é a continuação da Modernidade, e não um rompimento com a mesma. Se a sociedade moderna é marcada pela crença na verdade absoluta e universal, a Pós-modernidade é marcada pelo questionamento dessas verdades e pela crença de que não existem valores absolutos, isto é, a Pós-modernidade é uma continuidade crítica da Modernidade, marcada por transformações históricas, sociais, culturais e políticas que ampliam e aprofundam os desafios da Modernidade em vez de romper com ela, isto é, em vez de representar uma ruptura com a Modernidade, apresenta-se como sua continuidade crítica, aprofundando desafios já existentes ao mesmo tempo em que questiona valores universais e absolutos. Essa condição reflete um período de intensas transformações históricas, sociais e culturais que ampliam as tensões da Modernidade, sem abandoná-las completamente, sendo, assim, trata-se de uma Modernidade autoconsciente que examina suas próprias contradições e limitações (Bauman, 2013).

Portanto, contrário do que alguns posicionamentos sugerem, a Pós-modernidade é um movimento que mantém alguns dos pressupostos básicos modernos, como a crítica e a racionalidade, ao mesmo tempo que questiona a ordem estabelecida e explora novas formas de compreender o mundo. Essa abordagem está

enraizada na rejeição de narrativas totalizantes que dominaram o pensamento moderno, como a crença no progresso linear e na razão universal, pois, no lugar dessas certezas, a pós-Modernidade valoriza múltiplas interpretações, fragmentação e fluidez, resultando em um cenário onde as verdades são contextuais e relativas (Bauman, 2013).

As identidades na Pós-modernidade tornam-se mais fluidas e adaptáveis, em contraste com a Modernidade, onde as identidades eram vistas como fixas e baseadas em papéis sociais estáveis, havendo uma busca constante por novos sentidos e valores (Hall, 2005). Essa transformação reflete-se na dissolução de marcos tradicionais como a família, o Estado e a religião, que passam por processos de flexibilização e relativização.

Outro elemento fundamental da Pós-modernidade é o papel transformador da tecnologia, especialmente na comunicação e na informação. A instantaneidade e o acesso ilimitado a dados criam novas dinâmicas culturais e sociais, intensificando a fragmentação e a efemeridade. Essa condição redefine relações humanas e padrões culturais, promovendo diversidade e pluralidade, mas também gerando desafios como o consumismo desenfreado e a superficialidade.

A pós-Modernidade, portanto, revisita e reinterpreta seus pressupostos e ideais de progresso e universalidade, sem rompê-los completamente, mas explorando seus limites. É uma resposta às crises modernas, que geraram exclusões e desigualdades, propondo novas formas de pensar e agir em um mundo em constante transformação. Enquanto a Modernidade buscava verdades universais e projetos totalizantes, a pós-Modernidade valoriza a diversidade, questiona a linearidade do progresso e abraça a complexidade das experiências humanas; sendo ao mesmo tempo continuidade e transformação, reafirmação e desconstrução. Trata-se de uma Modernidade que revisa suas colocações, confrontando suas limitações e explorando possibilidades alternativas de interpretar e viver a realidade. Ao reconhecer suas contradições e incertezas, esse movimento oferece uma oportunidade para repensar valores.

2. A Pós-modernidade e suas limitações: a crítica de Dussel à Modernidade

Embora Enrique Dussel (2000; 2015b) reconheça os méritos da pós-Modernidade ao questionar a metanarrativa da Modernidade e seu otimismo ingênuo em relação à ciência e ao progresso, ele também identifica seus limites, pois, ao

desconstruir as grandes narrativas e rejeitar a universalidade, muitas vezes cai em um relativismo que ignora a dimensão ética e política das relações globais de poder, resultando em um normativo vazio que é incapaz de enfrentar os desafios da desigualdade e da injustiça gerados pela Modernidade colonial. Bem como, a Pós-modernidade, em sua origem europeia, continua sendo um discurso que privilegia as experiências do Norte Global, deixando de abordar especificamente as demandas e epistemologias das culturas colonizadas e periféricas.

Logo, a Pós-modernidade, embora seja um movimento que se propõe a criticar as grandes narrativas e os pressupostos universais da Modernidade, apresenta limitações importantes que Dussel (2015b) destaca em sua análise. Para ele, a desconstrução pós-moderna das bases epistemológicas e éticas da Modernidade é um passo necessário, mas insuficiente, para superar as desigualdades e as situações nacionais condicionais pelo sistema-mundo moderno/colonial. Isso porque na Pós-modernidade, ao questionar a validade dos metarrelatos e enfatizar a fragmentação e o pluralismo, muitas vezes se distancia de um compromisso político concreto com a transformação social.

Uma das principais críticas de Dussel (2000) à Pós-modernidade é que, em sua origem, ela continua sendo um discurso eurocêntrico, embora se posicione como uma ruptura com a Modernidade, uma vez que, as questões pós-modernas, como por exemplo a exclusão da universalidade e a ênfase no relativismo cultural, são frequentemente elaboradas a partir das experiências e dos contextos do Norte Global, negligenciando a situação dos povos do Sul Global.

Tais limitações impedem que a Pós-modernidade reconheça a colonialidade como o elemento estruturante das relações globais de poder, deixando de confrontar diretamente as raízes históricas da exploração e da exclusão. Em outras palavras, a Pós-modernidade pode até criticar a Modernidade, porém, sem relatar seu papel como continuação de uma lógica colonial (Dussel, 2000).

Outro ponto de crítica é a tendência da Pós-modernidade de evitar posicionamentos normativos, o que pode levar a um relativismo que dificulta a construção de alternativas éticas e políticas para o mundo contemporâneo, haja a vista, que, muito embora a desconstrução pós-moderna seja eficaz ao revelar as falhas e contradições da Modernidade, ela frequentemente carece de uma visão propositiva para lidar com os desafios concretos da desigualdade, da opressão e da

injustiça. Para Dussel (2000), essa ausência de um horizonte ético transforma a pós-Modernidade em um exercício de crítica interna ao Ocidente, que, apesar de desconstruir a Modernidade, não se compromete com a libertação dos povos oprimidos nem com a criação de uma ordem global mais equitativa.

Destarte, a Pós-modernidade falha em reconhecer a potencialidade das epistemologias e das práticas de resistência dos povos subalternos como fontes legítimas de conhecimento e transformação, uma vez que, enquanto a Modernidade marginalizou essas vozes em nome de um universalismo eurocêntrico, a Pós-modernidade, ao rejeitar a ideia de universalidade, muitas vezes não lhes dá o devido espaço como agentes de mudança. Dussel (2000) argumenta que uma verdadeira superação da Modernidade e da colonialidade requer não apenas uma crítica de seus pressupostos, e sim, uma incorporação ativa das perspectivas e experiências dos povos historicamente colonizados.

Dito isso, tal incorporação implica em um movimento que vai além da Pós-modernidade, abrindo caminho para a Transmodernidade como um projeto ético, político e epistemológico que valoriza a pluralidade de saberes e enfrenta as desigualdades estruturais, como veremos mais adiante.

Na concepção predominante, geralmente não se reconhece a existência de diferentes Modernidades que coexistem, entende-se hegemonicamente que há apenas uma Modernidade – a europeia – que é reproduzida e adaptada no atual processo de globalização em outras regiões do mundo. Em essência, entende-se que se trata da mesma Modernidade sendo implantada de maneiras variadas em diferentes contextos. “É a mesma Modernidade, imitada e expandida em certos aspectos” (Dussel, 2012, p. 29). Diante disso, Enrique Dussel propõe uma crítica às concepções e narrativas dominantes sobre a Modernidade, partindo de um ponto de vista exterior à Modernidade eurocêntrica. Ou seja, sua crítica não se limita ao interior da perspectiva europeia, e sim, posiciona-se além dela, adotando uma perspectiva global. Essa abordagem rompe com a visão provinciana da Europa e busca incluir realidades e vozes de outras regiões do mundo, “não provinciana, como eram as perspectivas europeias” (Dussel, 2015b, p. 57).

Assim, sua proposta não se vincula à tradição moderna hegemônica nem à corrente pós-moderna (como veremos a seguir), uma vez que ambas são

eurocêntricas (Dussel, 2015a, p. 283). Ambas permanecem como expressões de uma “visão europeia da Modernidade” (Dussel, 2015b, p. 56).

Para Dussel (2015b), a Modernidade é um projeto histórico e cultural que não pode ser entendido apenas como um interesse interno na Europa, uma vez que ela nasce e se define a partir de um processo de colonização, cuja inauguração se dá com a invasão da América em 1492; evento esse que frequentemente ignorado pelas narrativas tradicionais, marca o início do sistema-mundo moderno/colonial, que combina progresso tecnológico e filosófico com violência, dominação e exploração de povos indígenas, africanos e asiáticos. Portanto, Dussel (2000) critica a Modernidade por seu caráter eurocêntrico, que exclui outras culturas e tradições, enquanto universaliza seus próprios valores como paradigmas do progresso e da razão, argumentando que essa visão unilinear do desenvolvimento ignora a pluralidade de perspectivas culturais e epistemológicas que compõem a humanidade. Podemos afirmar com certa segurança que à Modernidade é uma das bases centrais de sua filosofia e está profundamente enraizada em sua compreensão da história como uma totalidade global e interconectada.

Assim, diferentemente das narrativas eurocêntricas, que apresentam uma Modernidade como um assunto exclusivamente europeu, Dussel (2000; 2015b) argumenta que ela é inseparável do processo colonial iniciado em 1492 com a conquista das Américas, não sendo apenas um movimento de emancipação intelectual e progresso técnico, e sim, um sistema que se fundamenta na dominação, exploração e violência contra os povos não europeus. Trata-se então de um marco histórico que é visto como o início de um sistema-mundo moderno/colonial, que distribuiu posições globais de poder e conhecimento.

Dussel (2000) desconstrói o mito da Modernidade como autolegitimação da Europa, apontando que a ascensão europeia só foi possível graças à exploração das riquezas e do trabalho dos povos colonizados, exploração essa que incluía o genocídio indígena, o tráfico transatlântico de escravizados africanos e a pilhagem de recursos naturais, ocultando-se tais questões através das narrativas modernas que exaltavam a razão, a ciência e o progresso. A Modernidade, segundo Dussel (2000), se apresenta como um projeto universalista e civilizatório, porém, na verdade, trata-se de um empreendimento intrinsecamente colonial, uma vez que, define a si mesma em relação à exclusão e à subjugação do “outro” não europeu. Dessa forma, a

Modernidade não pode ser dissociada de sua face oculta, a colonialidade, que perpetua desigualdades estruturais até os dias atuais.

Outro aspecto importante da crítica de Dussel (2015b) à Modernidade é sua abordagem epistemológica, a qual ele considera profundamente eurocêntrica, pois, ao universalizar a ciência e as filosofias europeias, marginalizou e deslegitimou outras formas de conhecimento, especialmente aquelas provenientes de povos indígenas, africanos e asiáticos – uma exclusão epistemológica – não foi apenas uma consequência da colonização, mas, também, uma ferramenta ativa para consolidar a hegemonia europeia, destacando que a Modernidade define o que é considerado válido e verdadeiro com base em critérios que refletem exclusivamente sua própria experiência histórica e cultural, ignorando a pluralidade de saberes existentes no mundo; essa crítica epistemológica é central para sua proposta transmoderna, que busca recuperar e valorizar os saberes subalternos.

Além de sua dimensão epistemológica, a crítica de Dussel (2005) à Modernidade abrange sua dimensão ética. Nesse sentido, argumenta que a Modernidade, ao universalizar sua própria visão de humanidade, excluiu sistematicamente os povos colonizados da categoria de assuntos éticos. Tratou-se de uma exclusão que ocasionou e permitiu a ocorrência de atrocidades cometidas durante a colonização, como o genocídio, a escravização e a exploração de recursos.

Para Dussel (2005), a ética moderna, embora se apresente como universal, é limitada e excludente, pois ignora as condições concretas de vida e as vozes dos oprimidos, sua proposta de uma ética da libertação surge como uma resposta a essa lacuna, colocando o "outro" – historicamente excluído – no centro das considerações éticas.

Enfatizamos que sua crítica à Modernidade não deve se limitar à desconstrução das narrativas dela, ao contrário, deve avançar, deve ser incluída em uma proposta transformadora.

Dussel (2005), é importante fazer esse registro, reconhece que a Modernidade trouxe avanços importantes, como por exemplo os direitos humanos e a democracia, entretanto, ressalta que esses valores só podem ser realizados se forem recontextualizados, na verdade, forem descolonizados; implicando o reconhecimento de que a Modernidade é apenas uma entre várias experiências históricas e culturais e que sua universalização foi feita às custas da exclusão de outros povos e saberes.

Nesse sentido, a crítica à Modernidade não é apenas um exercício teórico, trata-se de um convite à ação ética e política, que busca descolonizar o saber, o poder e o ser, pavimentando o caminho para uma nova era de convivência global baseada na justiça e na pluralidade.

É crucial compreendermos que, em permanente tensão com a cultura moderna eurocêntrica, coexistem outras culturas (Dussel, 2015b, p. 57). A visão distorcida e reducionista acerca dessas culturas periféricas não apenas negou sua legitimidade como também gerou uma compreensão inadequada da própria cultura europeia (Dussel, 2015b, p. 56), a saber: que no mundo não há uma única cultura moderna em expansão, ao contrário, há uma pluralidade que sobreviveu e expressa uma constelação de alteridades culturais (Dussel, 2015a, p. 282-283). E, ainda que essas culturas sejam frequentemente denominadas “pré-modernas”, isso não implica inferioridade, pois, são pré-modernas porque antecedem a constituição da Europa como moderna, o desenvolvimento do capitalismo e a consolidação de um sistema-mundo, no entanto, embora sejam anteriores, são também simultâneas: sempre coexistiram e continuam a coexistir no contexto da Modernidade (DUSSEL, 2015b, p. 63). Reconhece-se que essas culturas não são imutáveis ou intocadas, haja vista que o contato com a Modernidade as transformou, portanto, as culturas silenciadas e relegadas à exterioridade cultural em relação à Modernidade eurocêntrica não constituem “identidades” fixas, ao contrário, elas interagem e se modificam nesse encontro, permanecendo vivas e em constante desenvolvimento. Essas culturas são tidas como simultaneamente não modernas, por não se originarem no interior da Modernidade eurocêntrica, e pré-modernas, por sua anterioridade cronológica (Dussel, 2015b, p. 62-63). Como afirma Dussel, essas culturas “se enfrentam em todos os níveis da vida cotidiana: comunicação, educação, pesquisa, políticas de expansão ou de resistência cultural e até mesmo militar” (Dussel, 2015b, p. 57), por isso, ainda que tenham sido colonizadas em certa medida, muitas de suas estruturas e valores foram ignorados tanto pela Modernidade quanto pelas elites locais alinhadas a ela (Dussel, 2015b, p. 62).

Seja como for, ainda que a Modernidade eurocêntrica tenha uma autocompreensão como sendo a única cultura legítima, as outras culturas que foram silenciadas, invisibilizadas, desconsideradas e negadas continuam existindo, mesmo a despeito da Modernidade e como partes exteriores a ela. Após o reconhecimento

dessa multiplicidade cultural, precisa-se alcançar a realização de um diálogo simétrico entre elas, ou seja, um diálogo sem que haja qualquer hierarquia ou pressuposto de superioridade, uma vez que, como estão situadas em outros lugares, podem contribuir para a realização de uma reflexão capaz de encontrar novas soluções para as mazelas do tempo presente (DUSSEL, 2015b, p. 51).

Pretende-se, portanto, a construção de um projeto alternativo às concepções de Modernidade e pós-Modernidade: a Transmodernidade (Dussel, 2000, p. 50-51), como veremos a partir de agora. Mas, antes, pontuamos que, como vimos, o primeiro passo nesse caminho consiste em questionar a visão hegemônica que narra a cultura europeia como a única verdadeiramente moderna e superior, capaz de se expandir por todo o globo (Dussel, 2015b, p. 56); sendo imprescindível romper com as limitações do eurocentrismo e ampliar o horizonte para reconhecer a multiplicidade de culturas que coexistem com a hegemonia europeia. Essas culturas, muitas vezes negadas ou retratadas como bárbaras, inferiores e destituídas de história, são fundamentais para uma crítica consistente à Modernidade e mesmo a Pós-Modernidade para a formulação de um projeto transmoderno (Dussel, 2015a, p. 282-283).

3. A Transmodernidade enquanto alternativa a Pós-Modernidade

A Transmodernidade, conforme apresentada pelo filósofo Enrique Dussel (2016), é uma proposta filosófica que busca superar tanto a Modernidade quanto a Pós-Modernidade, contudo, sem necessariamente descartá-las por completo; partindo de uma perspectiva ético-política e decolonial, propõe uma visão que reconhece as contribuições da Modernidade, todavia, também, critica suas limitações e violência, especialmente no que diz respeito à colonização e à exclusão de culturas e epistemologias não ocidentais. Para Dussel,

Essas culturas foram, em parte, colonizadas, mas a maior parte de suas estruturas de valores foram sobretudo excluídas, desprezadas, negadas, ignoradas mais do que aniquiladas. O sistema econômico e político foi dominado no exercício do poder colonial e da acumulação gigantesca de riqueza, mas essas culturas têm sido interpretadas como desprezíveis, insignificantes, sem importância e inúteis. Esse desprezo, no entanto, permitiu-lhes sobreviver em silêncio, desdenhadas simultaneamente por suas próprias elites modernizadas e ocidentalizadas. Essa alteridade negada, sempre existente e latente, indica a existência de uma riqueza cultural insuspeita, que renasce lentamente como chamas de carvão enterrado no mar de cinzas centenárias do colonialismo (DUSSEL, 2015b, p. 62).

Assim, trata-se de um conceito central na filosofia de Dussel (2000), o qual emerge como uma alternativa crítica tanto à Modernidade eurocêntrica/euroamericana quanto à Pós-Modernidade, propondo uma superação de ambas, isto é, superação a partir de uma perspectiva transmoderna que busca não apenas criticar as falhas internas da Modernidade, como faz a Pós-Modernidade, e sim, visa transcender seu horizonte histórico e epistemológico, abrindo espaço para novas formas de pensar, que incluem vozes historicamente marginalizadas, especialmente do Sul Global; enquanto proposta alternativa de Dussel (2015b), busca ir além das dicotomias entre Modernidade e Pós-Modernidade, propondo uma reconciliação crítica com as tradições e saberes excluídos pela lógica colonial.

Segundo Dussel,

[...] “pós” da Pós-Modernidade não lhe tira seu eurocentrismo; pressupõe como óbvio que a Humanidade futura alcançará as mesmas características de “situação cultural” que a Europa ou os Estados Unidos pós-modernos, à medida que se “modernizam” pelo processo de “globalização” já iniciado, irreversível e inevitável. Sob o signo dessa “inevitabilidade” modernizadora, a Pós-Modernidade é profundamente eurocêntrica, visto que não pode nem imaginar que as culturas excluídas em sua positividade pelo processo moderno colonial (desde 1492) e ilustrado (desde 1789) [...] possam contribuir “positivamente” na construção de uma sociedade e cultura futura, posterior à cultura Moderna europeia e norte-americana, mais além do seu “último momento”, de sua crise atual, do seu limite (mais além do momento “Pós”-moderno da Modernidade). É necessário pensar a questão mais radicalmente (Dussel, 2016, p. 166).

Dessa forma, a Transmodernidade se apresenta enquanto um conceito que envolve um diálogo transcultural que não apenas é regular, ao contrário, valoriza a pluralidade de experiências históricas e epistemológicas, já que para Dussel (2000), a Transmodernidade é um projeto ético e político baseado em três pilares: o Reconhecimento da Exterioridade, pois, a Modernidade não é autossuficiente, ela se define em relação a um “outro” colonizado e explorado e a Transmodernidade confirma a centralidade desse “outro” na construção de novas epistemologias e práticas; a Superação da Colonialidade, a qual, é entendida como a face oculta da Modernidade, perpetuando desigualdades e posições globais e, portanto, a Transmodernidade busca libertar o saber, o poder e o ser, criando um espaço para que as vozes marginalizadas sejam protagonistas; e a Ética da Libertação, ocupando um lugar central na Transmodernidade, sendo inspirada pela filosofia de Emmanuel Levinas e por uma leitura crítica de Marx, Dussel (2002) propõe uma ética que coloca o “outro” como o centro do agir humano, tendo como prioridade a libertação dos oprimidos e a criação de um mundo mais justo e inclusivo.

Nesse contexto, vale ressaltar o deslocamento do início da Modernidade do século XVII e XVIII (Dussel, 2005, p. 27) para o final do século XV, a partir da experiência colonial na América (Dussel, 2007, p. 11), bem como, o entendimento de que a Modernidade possui uma face oculta e violenta, a colonialidade (Quijano, 2000, p. 343), e, destacar a crítica ao eurocentrismo da tanto da Modernidade e quanto da Pós-Modernidade (Dussel, 2015a, p. 283; Mignolo, 2010, p. 14-15; Quijano, 2010, p. 84-85), propondo um projeto outro de sociedade futura, nesse sentido uma utopia, que não é moderna ou pós-moderna (Mignolo, 2017, p. 19), e sim, denominada como Transmodernidade (Dussel, 2000, p. 50-51); sendo o projeto transmoderno um projeto global pluriversal (Mignolo, 2003, p. 418), o qual representa uma ruptura com as hierarquias tipicamente modernas (Quijano, 2009a, p. 04) e que se ancora na realização do direito à diferença de igualdade (Mignolo, 2015, p. 357).

Reforçamos que a Transmodernidade não rejeita completamente os legados da Modernidade, como a ciência e os direitos humanos, contudo, busca reinterpretá-los a partir de uma perspectiva pluriversal e decolonial, projeto quer envolve: Diálogo Transcultural, pois, a Transmodernidade promove o diálogo entre diferentes tradições culturais e epistemológicas, confirmado a validade de saberes não ocidentais; a Crítica Radical ao Eurocentrismo, devendo romper com o monopólio da Modernidade ocidental, que tem a Europa como referência única; e a Construção de Alternativas Globais, uma vez que, a partir das vozes subalternas, a Transmodernidade propõe alternativas para a crise do sistema-mundo moderno/colonial, incluindo a luta contra a desigualdade econômica, a destruição ambiental e as formas de opressão cultural (Dussel, 2025b). Não se limitando a adotar uma abordagem crítica e construtiva, pois, não se limita a desconstruir os fundamentos da Modernidade e da Pós-Modernidade, muito pelo contrário, procura construir um horizonte ético e político que integre as vozes historicamente restauradas. Dussel sustenta que,

Esas culturas universales, asimétricas de un punto de vista de sus condiciones económicas, políticas, científicas, tecnológicas, militares, guardan entonces una alteridad con respecto a la propia Modernidad europea, con la que han convivido y han aprendido a responder a su manera a sus desafíos. No están muertas sino vivas, y en la actualidad en pleno proceso de renacimiento, buscando (y también inevitablemente equivocando) caminos nuevos para su desarrollo próximo futuro. Por no ser modernas esas culturas tampoco pueden ser “post”-modernas. Son Pre-modernas (más antigua que la modernidad), Coetáneas a la Modernidad y próximamente Trans-modernas. El Postmodernismo es una etapa final de la cultura moderna europeo-norteamericana, el “centro” de la Modernidad. Las culturas china o vedantas no podrán nunca ser post-modernoeuropeas, sino otra cosa muy distinta y a partir de sus propias raíces (p. 18)

Diferentemente da Modernidade, que muitas vezes impõe uma visão unilateral de progresso e universalidade, e da Pós-Modernidade, que muitas vezes caiu em um relativismo paralisante, a Transmodernidade propõe um caminho de inclusão e transformação. Nesse sentido, enfatiza-se a necessidade de um diálogo genuíno entre culturas, epistemologias e tradições que foram marginalizadas pela colonialidade. Para Dussel (2000), esse diálogo não deve ser meramente superficial ou tolerante, e sim, envolvente por um reconhecimento pleno da dignidade e do valor das epistemologias subalternas, processo esse que implica a desconstrução ativa das hierarquias impostas pela Modernidade, permitindo que os saberes do Sul Global – incluindo as tradições indígenas, africanas e asiáticas – não apenas coexistam, mas, também, contribuam diretamente para a construção de um novo sistema-mundo, transformando a Transmodernidade em um projeto radicalmente inclusivo, voltado para a pluralidade e a reciprocidade, propondo uma reorientação ética fundamental baseada na afirmação da exterioridade. Segundo Dussel,

[...] metacategoría de “Exterioridade” pode iluminar a análise que se propõe indagar a “positividade” cultural não incluída pela Modernidade, não a partir das pressuposições de uma Pós-Modernidade, mas sim do que temos chamado de “Trans”-Modernidade. Ou seja, trata-se de um processo que parte, que se origina, que se mobiliza a partir de “outro” lugar [...] além da Modernidade europeia e norte-americana. A partir da “Exterioridade” negada e excluída pela expansão moderna da Europa hegemônica “existem” culturas atuais que são anteriores, que se desenvolveram junto à Modernidade europeia, que sobreviveram até o presente e que têm, portanto, um potencial de humanidade suficiente para fazer contribuições significativas na construção de uma Cultura humana futura posterior ao término da Modernidade e capitalismo (Dussel, 2016, 167-168).

Se a Modernidade, ao construir sua identidade em oposição ao “outro” colonizado, desumanizou aqueles que não pertenciam ao seu paradigma cultural, a ética da liberação de Dussel (2002) e sua proposta de Transmodernidade (Dussel, 2000), no entanto, coloca esse “outro” no centro das considerações morais e políticas, resgatando sua voz, sua agência, seu protagonismo; não se limitando ao reconhecimento simbólico, inversamente, envolve uma redistribuição de poder e recursos, bem como uma transformação das estruturas globais de opressão, promovendo uma ética engajada, comprometida com a liberação dos oprimidos e a construção de relações globais mais equitativas.

A Transmodernidade apresenta uma visão de futuro que combina a pluralidade cultural com a responsabilidade coletiva em relação ao planeta. O projeto de Dussel (2015b) não ignora os desafios da globalização, longe disso, ele propõe abordá-los de maneira decolonial e colaborativa; reconhecendo os problemas globais, como a

crise climática e as desigualdades econômicas e outras tantas questões globais, devem ser enfrentados, todavia, argumenta que as soluções só serão eficazes se forem construídas a partir das perspectivas e necessidades daquelas que sofreram historicamente com a colonialidade, nesse sentido, a Transmodernidade oferece uma alternativa esperançosa e viável para os desafios contemporâneos, promovendo um mundo que valoriza a diversidade e a interdependência enquanto busca justiça e sustentabilidade.

O projeto de superação da Modernidade, tal como proposto pela Transmodernidade, distingue-se da ideia de superação por renúncia defendida pelo pensamento pós-moderno. A Transmodernidade não rejeita a Modernidade de forma simplista; ao contrário, seu ponto de partida é a alteridade que a Modernidade negou. Embora reconheça os desafios impostos pela Modernidade, responde a eles a partir de uma perspectiva própria, enraizada em realidades e experiências sociais e culturais plurais (Dussel, 2015a, p. 283). Na verdade, a busca por novas respostas aos problemas contemporâneos encontra seu potencial nas vivências das culturas historicamente marginalizadas (Dussel, 2015b, p. 53). Assim, embora a Modernidade tenha se iniciado em 1492, com a invasão das Américas, sua "superação real" está vinculada à integração de seu caráter racional e emancipador europeu em um projeto mundial de libertação que resgata a alteridade negada. Esse novo projeto, a Transmodernidade, abrange dimensões políticas, econômicas, ecológicas, eróticas e pedagógicas, entre outras (Dussel, 2000, p. 50-51).

4. Considerações finais

Concluímos defendendo então, fundamentados por Dussel, que a transmodernidade, conforme discutida ao longo do texto, emerge como uma resposta filosófica, ética e política às insuficiências da Modernidade e da Pós-modernidade, visando a construção de um horizonte inovador que transcende os paradigmas eurocêntricos predominantes. Propomos, a partir da Transmodernidade, um diálogo transcultural que não se limita à crítica, ao contrário, adentre em um terreno propositivo, reavaliando a Modernidade à luz das experiências históricas dos povos marginalizados.

Para tanto, partimos de um entendimento de que o projeto transmoderno parte da compreensão de que a Modernidade, embora tenha promovido avanços

significativos, também perpetuou a colonialidade e a exclusão sistêmica de saberes e culturas não ocidentais, logo, advogamos que precisamos resgatar e valorizar epistemologias subalternas, promovendo a inclusão e a justiça como pilares fundamentais, isso é possível somente a partir da Transmodernidade defendida por Dussel, uma vez que o mesmo reflete que tanto a Modernidade quanto a Pós-modernidade mantêm raízes eurocêntricas, perpetuando narrativas que excluem o Sul Global e negligenciam o potencial transformador das culturas consideradas "outras", pois, enquanto a Modernidade universaliza suas narrativas sob o paradigma do progresso, a Pós-modernidade fragmenta os metarrelatos sem que no entanto ofereça alternativas concretas para superar desigualdades estruturais, tal como proposto pela Transmodernidade.

Estamos convictos, a luz das ideias de Dussel, que a Transmodernidade se destaca ao propor uma ética de libertação, colocando as vozes subalternas como protagonistas na construção de novas epistemologias e práticas sociais, econômicas e culturais.

Conforme demonstramos ao longo do texto, reforçamos que uma das partes centrais do projeto transmoderno é sua capacidade de reinterpretar valores modernos como a ciência e os direitos humanos, só que os inserindo em uma perspectiva pluriversal, bem diferente da Modernidade e, também, da Pós-modernidade que sequer apresenta alternativa. Trata-se de uma abordagem a qual demanda a descolonização do saber, do poder e do ser, reconfigurando as estruturas globais de opressão e criando um espaço para a reciprocidade entre culturas; em um esforço que requer não apenas o reconhecimento da pluralidade, e sim, integração ativa das vozes historicamente excluídas, promovendo um diálogo simétrico que valorize a diversidade como base para soluções coletivas.

Nossa pesquisa aponta que, diferentemente da Pós-modernidade, a Transmodernidade se posiciona como uma alternativa ética diante dos desafios globais contemporâneos, como a crise climática, as desigualdades econômicas e as formas de opressão cultural, não apenas reconhecendo as limitações das narrativas modernas, e sim, propondo um caminho de superação fundamentado em práticas de sustentabilidade e responsabilidade planetária – um projeto que busca transformar crises em oportunidades, promovendo um mundo mais justo, solidário e equitativo. Isso porque se trata de um debate ético também, trata-se de ética da libertação, a qual

prioriza a libertação dos oprimidos e reconfigura as estruturas éticas globais, enxergando o "outro" não apenas como sujeito de direitos, e sim, como agente central na formulação de novas narrativas de convivência global, desafiando as hierarquias impostas pela modernidade colonial.

Enfim, apontamos enquanto resultado desta pesquisa a Transmodernidade, teorizada por Dussel, como um marco de esperança e renovação para as relações globais, propondo um projeto de convivência transcultural pautado na justiça, inclusão e sustentabilidade, com capacidade de unir tradição e inovação, valorizando a pluralidade de saberes enquanto responde aos desafios do presente com uma visão radicalmente inclusiva e ética; crítica a Modernidade e um passo além da Pós-modernidade. Trata-se, portanto, de um chamado à ação coletiva e à reflexão profunda sobre os caminhos para um futuro global mais humano e equilibrado.

Referências bibliográficas

- BALANDIER, G. **O Contorno - poder e modernidade.** São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.
- BAUDRILLARD, J. **Las estrategias fatales.** Barcelona: Anagrama, 1984.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.
- BECK, U; GIDDENS A; LASH, S. **Modernização reflexiva:** política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação. Na idade da globalização e da exclusão.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- DUSSEL, Enrique. Agenda para um diálogo inter-filosófico Sur-Sur. In: DUSSEL, Enrique. **Filosofías del Sur: descolonización y transmodernidad.** Ciudad de Mexico: Akal, 2015a.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: Clacso, 2000.

- DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americana**. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- DUSSEL, Enrique. La nueva Edad del mundo: la transmodernidad. In: DUSSEL, Enrique. **Filosofías del Sur: descolonización y transmodernidad**. Ciudad de México: Akal, 2015b.
- DUSSEL, Enrique. **Materiales para una política de la liberación**. Ciudad de México: Plaza y Valdés, 2007.
- DUSSEL, Enrique. Para um diálogo Inter-filosófico Sul-Sul. **Revista do instituto Superior de Filosofia Berthier**. Passo Fundo, n. 41, p. 11-30, 2012.
- DUSSEL, Enrique. **Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios**. São Paulo: Paulus, 2016.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, Pittsburgh, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y des/colonialidad del poder. Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 27, Buenos Aires. **Anales**, Buenos Aires, 2009.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu, n. 1 v. 1, p. 12-32, 2017.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la decolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter. **La revolución teórica del zapatismo: consecuencias históricas, éticas y políticas**. In: CARBALLO, Francisco; ROBLES, ROBLES, Luis Alfonso Herrera. (ed.). *Habitar la frontera: sentir y pensar la decolonialidad*. [S.I.]: Bellaterra, 2015.
- LIPOVETSKY, G. A era do vazio. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.